



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

**ANTROPOMORFIZAÇÃO E ZOOMORFIZAÇÃO EM FAZENDA
MODELO (CHICO BUARQUE), DISPARADA (GERALDO VANDRÉ) E
ADMIRÁVEL GADO NOVO (ZÉ RAMALHO)**

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira (UNEMAT)

Resumo: O interesse pela relação homem e animal não é algo novo e muito menos restritivo ao viés ativista, pois trata-se de uma vasta área do saber que inclui campos de investigações diversos, como a filosofia, arte, estudos culturais, políticos, sociais, entre outros. Na literatura e na arte, encontramos inúmeras produções que colocam os animais assumindo posturas humanas ou humanos se metamorfoseando em animais, como forma de crítica social. Pensando nessas questões, o presente trabalho propõe apresentar, pelo viés do comparatismo literário, a inter-relação temática entre a obra *Fazenda Modelo* (1975), de Chico Buarque e duas canções brasileiras, *Disparada* (1966), de Geraldo Vandré e *Admirável gado novo* (1979), de Zé Ramalho, todas as produções deram-se durante o período militar e utilizam a comparação do ser humano ao gado. Desse modo, o trabalho visa mostrar, através da inter-relação entre literatura e música, como esses espaços semióticos constroem a crítica sócio-política de uma época, discutindo acontecimentos que marcaram a sociedade brasileira por meio de metáforas.

Palavras-chave: Antropomorfização; Zoomorfização; Literatura; Música; arte.

Ao longo da história literária e artística encontramos inúmeras produções que colocam animais assumindo posturas humanas ou humanos se metamorfoseando em animais, como forma de produzir uma crítica social. Apenas como medida ilustrativa, sem querer traçar um perfil dessas obras, podemos citar: inicialmente, as fábulas que apresentam um cunho moralizante; o livro *Metamorfose* de Kafka, onde o homem se vê transformado em um inseto; outro exemplo é a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, na qual o personagem Fabiano é animalizado e a cadela Baleia é humanizada, como forma de mostrar a condição humana do nordestino. Essas são apenas algumas exemplificações, pois são inúmeras produções que se valem desse objetivo, em que o animal e o humano apresentam-se no mesmo plano.

A exploração do homem e sua condição de subjugado, seja por questões políticas ou econômicas, colocam os seres humanos em uma condição de animal, ou também projetam uma espécie de coisificação da sua existência. Essa relação homem X

animal é bem notória nas obras de artes, pois a animalidade e a humanidade são princípios que também estão presentes em pesquisas de outras áreas do conhecimento, entre as quais os Estudos Culturais (e não só). Esses trabalhos compactuam com a noção do Outro, isto é, aquilo que o homem entende ser diferente si. No caso específico da relação com o animal, a este ser é atribuído certa inferioridade sendo utilizado muitas vezes para demonstrar uma degradação social.

Giorgio Agamben, em seu livro *The open: man and animal* (2004), discute essa questão a partir do que ele denomina de “máquina antropológica”, que seria o elemento norteador da segregação que evidencia a superioridade dos homens.

Diante dessas questões e tomando como pressuposto os estudos de Literatura Comparada, escolhemos como corpus de discussão, as obras: *Fazenda Modelo* (1975), de Chico Buarque e duas canções brasileiras, *Disparada* (1966), de Geraldo Vandré e *Admirável gado novo* (1979), de Zé Ramalho. Ambas estão situadas em um momento histórico bastante conturbado de nossa história, trata-se, pois da Ditadura Militar (1964-1985) e utilizam um elemento em comum para discutir a vida do brasileiro durante os anos de chumbo.

É importante retrocedermos no tempo e correr os olhos no século XX para que possamos compreender, mesmo que sumariamente, a atuação dos elementos sociais, tendo em vista o que nos mostra as pesquisas históricas, sociológicas, filosóficas, e outras que versam sobre o mundo e a sociedade, o referido período apresenta inúmeras marcas indeléveis que perpassam a nossa época.

Eric Hobsbawn (1995), grande nome nos estudos históricos, encarou o desafio de estudar esse conturbado século. Tal discussão ganha consistência especificamente, no livro *A era dos extremos*, pois é nesse espaço que ele aponta o fato do período ser delineado por catástrofe em diversos setores: social, humano, ecológico e outros. No século anterior, tivemos muitas conquistas para cercar a liberdade, porém o novo momento histórico acabou deteriorando os êxitos passados, a partir de algumas ações. A expansão industrial, sobretudo no campo, acarretou uma desenfreada urbanização, a questão ecológica e humana foi colocada de lado, e como consequência disso, várias questões acabaram culminando para a criação de inúmeros conflitos no período.

Ao trazermos a “era dos extremos” para o contexto brasileiro e o momento em que as referidas produções se delineiam, nos deparamos com um período extenso e atroz de 21 anos, em que o Brasil, condicionado, sob o senhorio de militares presidentes que passaram a governar de forma rígida o país. Esse momento de nossa história ficou

conhecido por Ditadura Militar e compreende os anos de 1964 a 1985. Assim, durante esses anos instalou-se um período de controle nos variados setores da vida social, tais como, nos cenários políticos, econômicos e na sociedade de maneira geral. Desse modo, os termos: censura, violência e exílio foram as grandes constantes para os agentes contrários a essa forma de governar o país. Marcelo Ridenti (2003) aponta que, “talvez os anos 60 tenham sido o momento da história republicana mais marcada pela convergência revolucionária, entre política, cultura, vida pública e privada, sobretudo entre a intelectualidade (p. 135).”

No âmbito desse cenário instaura-se um novo cenário político brasileiro, em que o país passou a ser regido por militares que exerciam o poder de forma autoritária, a partir de atos institucionais, decretos, atos complementares e ementas constitucionais. Ainda que a ideologia militar pregasse o desenvolvimento do país, tentando impedir a formação da consciência social por parte de inúmeras pessoas, tínhamos aqueles que, apesar do controle sofrido pela mídia e outros meios, conseguiram tomar consciência do que estava acontecendo e, a partir disso, passaram a lutar contra as atrocidades cometidas.

Muitos jovens revolucionários, artistas, estudantes e intelectuais da época lutavam a favor da conscientização, perante o que estavam vivendo. E como resposta, o governo agia de forma violenta e desumana, perseguindo, torturando e expulsando do país esses opositores. Diante dessas questões, os ditadores tiveram que adotar medidas severas para neutralizar as pessoas; isso não significa somente agir de forma violenta, mas também impedir a circulação das ideias contrárias ao governo, seja isso em jornais, revistas, livros, teatros entre outros meios. Assim, a mídia consistia em um aparelho ideológico de controle, em que eram divulgadas somente as ideias favoráveis ao regime e ao modo como os militares conduziam os setores sociais.

É nesse cenário que encontramos os artistas Chico Buarque, Geraldo Vandré e Zé Ramalho. Suas produções caminham na contramão da política vigente, configurando como um espaço de denúncia às forças dominantes do período. Estes autores fizeram de suas produções armas de luta contra a dominação. Nas obras que selecionamos para análise encontra-se em campos semióticos diferentes, pois temos uma obra literária e duas canções, que estabelecem um diálogo muito íntimo com o contexto da época, focado, principalmente, a condição do homem perante um mundo cerceado por um regime antidemocrático. Começaremos nossa análise pela obra literária e em seguida trataremos as canções, destacando, é claro, que partimos do pressuposto que

a letra musical é um poema, e como tal, o sujeito que se inscreve no discurso é o eu-lírico.

Francisco Buarque de Hollanda é um dramaturgo, músico e escritor. Possui em seu histórico uma intensa produção de cunho social e político. De família de intelectuais influentes no cenário brasileiro, Chico viveu sua consciência intelectual e cultural em um cenário marcado pelo autoritarismo. Em 1975, em plena a efervescência do milagre econômico, o autor, adentra mais especificamente no cenário literário com a obra *Fazenda Modelo*, uma produção que tematiza uma forte crítica ao sistema militar brasileiro. Em entrevistas aos jornais da época, Chico aponta o que o levou a escrever essa narrativa. Ele salienta que o texto surgiu de uma necessidade política em trazer à tona aquilo que a censura fazia calar. Nessa altura, inúmeras de suas canções já haviam sido censuradas.

A *novela pecuária* nasce como o espaço que instaura a liberdade na composição do autor. Inspirado em uma vaca que conheceu ao visitar um sítio, Chico resolve se valer do espaço rural e dos personagens *vacum* como fios condutores de uma narrativa que surpreendentemente problematiza a questão política brasileira do século XX.

Fazenda Modelo apresenta características muito interessantes em relação ao conteúdo e a maneira como isso se dispõe na narrativa. Nesta obra, Chico projeta as formas de dominação social em uma comunidade bovina liderada pelo boi Juvenal. Os demais bois e vacas da comunidade são submissos aos mandos do líder, assim como acontecia, por alusão, na sociedade brasileira da década de 1970; ou seja, as pessoas obedeciam às regras do governo vigente, por medo da repressão e das torturas a que eram submetidas. A narrativa está situada nos anos marcados pelo “milagre econômico”, quando se intensificou o crescimento econômico em paralelo com a desigualdade social.

Na novela pecuária buarqueana, todos os personagens são bois e vacas, assumindo posições humanas através de uma ambientação que remete ao cenário brasileiro da época. A personificação dos animais se dá a fim de mostrar a situação das pessoas da década de 1970. Destarte, a Fazenda se transforma em um verdadeiro espaço ditatorial, onde a figura de Juvenal, “o boi-mor, o Justo, o Tenaz”, passa a exercer o seu poder em nome da tecnologia e, conseqüentemente, do desenvolvimento. Vejamos um trecho da narrativa, situado em um capítulo em que a grande tônica é a transformação, o que significa a passagem de um espaço de liberdade para um espaço de opressão.

POR MEIO de um documento que não cabe reproduzir aqui, porque muito extenso, e insosso, e repleto de vírgulas, como a maioria dos ofícios, que falam assim aos tropeções, por meio de um documento desses, quase incompreensível porque redundante, truculento, ficou nomeado Juvenal, o Bom Boi, conselheiro-mor da Fazenda Modelo. A ele todas as reses devem obediência e respeito, reconhecendo-o como seu legítimo chefe e magarefe (BUARQUE, 1975, p. 25, grifo do autor).

A relação entre as palavras e as imagens faz brotar esse cenário pelo qual salta a crítica. O espaço imaginário construído pelo autor configura-se pelo intermédio da atuação de inúmeros elementos, tais como: a escolha dos correligionários, o discurso de Juvenal, o método de fertilização, o feto e outros, que ajudam a compor essa nova imagem da fazenda.

No texto “Não é conversa mole para boi dormir”, de Regina Zilberman (2002), publicado no livro *Chico Buarque do Brasil*, organizado por Reinaldo Fernandes, a autora traz a imagem histórica por traz da figura do boi, que desde o Brasil colônia representou uma peça muito importante na economia do nosso país.

Podemos fazer associações de outras produções com *Fazenda Modelo*; no entanto, traremos duas canções que foram produzidas também sob o Regime Ditatorial. A primeira já apontada por Zilberman é a música composta por Geraldo Vandré.

Este compositor é uma figura muito importante e enigmática no cenário musical brasileiro. Em 1966 o seu nome ganhou força no meio cultural devido a participação no Festival da TV Record com a canção *Disparada* musicada por Théó de Barros e interpretada por Jair Rodrigues. Na ocasião desse festival a canção concorreu com a música *A Banda* de Chico Buarque que acabou levando o primeiro lugar. A grandiosidade dessa canção foi bastante comentada na sociedade da época.

A música aparentemente calma e inocente traz em suas entrelinhas as marcas da canção de protesto, por meio da qual ecoa uma voz de denúncia a realidade humana da época. Vejamos a letra da canção:

Prepare o seu coração prás coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
É a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar, eu vivo prá consertar

Na boiada já fui boi, mas um dia me montei

Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente, pela vida segurei
Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
As visões se clareando, até que um dia acordei

Então não pude seguir valente em lugar tenente
E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
Se você não concordar não posso me desculpar
Não canto prá enganar, vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu

Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

Em *Disparada* temos uma analogia entre o modo de vida do gado e o cenário político ditatorial. Na primeira estrofe da música há uma apresentação do enredo e um alerta: “Prepare o seu coração prá coisas que eu vou contar”, afinal de contas, a história que será narrada pode não agradar, pois música mostra a realidade da vida do sertanejo e, conseqüentemente, os seus dramas e dificuldade.

A canção estabelece um enredo que dialoga com a vida do homem assujeitado e passivo, que tem na negativa (Aprendi a dizer não) e na morte (ver a morte sem chorar) as marcas da sua passividade. É importante destacar que embora o eu-lírico esteja acostumado a conviver com os problemas ele sabia que algo estava errado e que precisava de mudanças. Tem-se, então, a história de um homem que toma a consciência da sua vida, pois sai da condição de boi para se tornar boiadeiro. A metáfora “Na boiada já fui boi, mas um dia me montei”, associa a essa ideia; visto que pertencer à boiada significa ser submisso. Nota-se que ao assumir a posição de boiadeiro, o eu-lírico toma a rédea de sua vida, se torna corajoso, porém, passa a controlar o gado, isto é, sai da posição de dominado para se tornar dominador.

No final da canção o eu-lírico nos diz “E dono de gado e gente, porque gado a gente marca/Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente”. Nestas palavras,

instaura-se o espaço da diferença entre homem e animal, pois enquanto este é submisso e controlado pelo ser humano, o homem, enquanto ser racional, pode vir a se conscientizar sobre a realidade a sua volta e tomar a rédea de sua própria vida. Percebe-se que nas metáforas de boi e boiadeiro temos as marcas das classes sociais, os dominantes e dominados. Nesse sentido, podemos aludir o enredo ao título da canção, uma vez que, *Dispadara* como ato de tresmalhar o gado, significa se dispersar do rebanho, o que pode ser traduzido como assumir uma nova postura, tomar as rédeas da vida. Homem, boi e boiadeiro são os centros dessa poesia de metafórica.

Nessa mesma vertente temos a canção *Admirável gado novo*, do cantor e compositor Zé Ramalho, um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira. Vejamos a canção:

Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber

E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal

E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!
[...]
O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam esta vida numa cela

Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível
Não voam, nem se pode flutuar
[...]

Essa canção faz uma referência ao livro *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, narrativa esta que prevê uma sociedade futura controlada pelo Estado, em que algumas questões serão deixadas de lado, como família, religião e outras, cuja a insatisfação seria curada por uma droga chamada “soma”.

Portanto, rigidez e opressão seriam as grandes constantes dessa sociedade, assim como na canção de Zé Ramalho. Na música, vemos o homem sendo tratado como gado, vivendo de promessas de que as coisas irão mudar, mas que no fim continua à mercê da política ditatorial. A primeira imagem construída é a representação da multidão que caminha lado a lado com a injustiça (“dar mais do que receber”) e logo em seguida, com as palavras “ferrugem” e “engrenagem”, visualizamos a máquina capitalista, corroendo as forças dessa multidão. Chamamos atenção para o refrão da música (“Êh, ô, ô, vida de gado/Povo marcado/ Êh, povo feliz!”), pois é neste espaço que a imagem de boi se constitui de forma mais incisiva. A interjeição “Êh, ô, ô...” marca uma forma de conduzir o gado, “vida de gado/Povo marcado/ Êh, povo feliz!”, tem-se a coletividade condicionada por uma falsa felicidade. Em “A vigilância cuida do normal/ Os automóveis ouvem a notícia/ Os homens a publicam no jornal” demarca-se o controle sofrido pelo povo, que tinham suas vidas vigiadas para serem dominadas e ao mesmo tempo, vê-se um processo em que o homem é tido como animal e aos objetos são atribuídas características humanas. Ao mesmo tempo em que há um sonho por uma vida melhor, estas idealizações estão aprisionadas a um governo opressor, que submete o ser humano a um estado de animalização.

Como se pode notar, em ambas as produções as dimensões simbólicas sugerem aspectos da sociedade em que se instauram, isto é, a comparação do ser humano ao gado, aplica-se, sobretudo, pela condição de subjugado. No afã dessa questão, ser gado significa estar na posição de oprimido e ter suas forças aniquiladas pela forma de organizar a sociedade e seus extratos.

Esse breve panorama mostra que através de orientações recentes da Literatura Comparada é possível estabelecer um diálogo entre artes de semióticas diferentes. Nessa relação interartística, a arte assume um papel de organismo socialmente empenhado, cujo impulso criador está calcado nos anseios coletivos. Nas produções em estudo a figura do boi é uma peça fundamental na construção da crítica que emana das entrelinhas das produções. O gado constitui-se ao longo da história literária ligada à ideia de trabalho, bondade (submissão) e sacrifício.

Em algumas culturas esse animal é tido como um ser sagrado, mitológico (minotauro), símbolo de fertilidade e força. Na história do Brasil eles estão presentes desde a época da colonização, sendo utilizado no transporte e tração (engenhos), na produção de alimento (carne e derivados), na matéria prima (couro), entre outras funções. O aumento populacional fez crescer também a atividade no setor pecuário, além do que o povoamento no nordeste foi impulsionado pela atividade ligada a esses animais. Veja que em nossa sociedade essa figura desde sempre foi alvo de exploração.

Estudar a presença de animais na literatura é uma tarefa instigante, mas ao mesmo tempo desafiadora, pois é preciso interpretar as metáforas de um elemento carregado de simbologias. As produções em estudo mostram as semelhanças entre animais humanos e não humanos no que tange ao sofrimento, problematizando ainda as fronteiras entre a humanidade e a animalidade.

Diante dessas informações, podemos dizer que em *Fazenda Modelo*, *Disparada* e *Admirável Gado Novo*, há uma crítica ao modelo social vigente, que oprime e controla o homem; explorando suas forças e o colocando em uma posição de irracionalidade. A metáfora animal surge nas obras como forma de interpretar o cenário político, mais precisamente o comportamento humano diante deste espaço. Os processos de antropomorfização e zoomorfização ajudam a tecer a crítica que emana das obras, pois o político e o estético se evidenciam em um mesmo plano, mostrando a capacidade da arte em traduzir o seu momento histórico. As teorias sociológicas da literatura apontam que as experiências do autor percorrem a escrita de sua obra, de modo voluntário ou não. Isso se deve, fundamentalmente, ao fato de que a literatura e a sociedade revelam-se intimamente relacionados, e, por isso, os autores produzem suas escritas tomando como base as experiências do seu meio.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **The Open: Man and animal**. California: Stanford University Press, 2004.

BUARQUE, Chico. **Fazenda Modelo**: novela pecuária. 5ª edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. São Paulo: ed. Ática, 1995.

HOBSBAWM, Eric. A Revolução Mundial. In: **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAMALHO, Zé. **Admirável Gado Novo**. Disponível em: http://www.zeramalho.com.br/sec_discografia_letra.php?id=22&todas=. Acesso em: Janeiro de 2016

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: **O Brasil republicano**, vol.4. O tempo da ditadura, ed. 1, Civilização Brasileira, pp. 29, pp.1-29, 2003.

STEINER, George. **Qué es literatura comparada?** (Discurso inaugural – Universidade Oxford, 1994).

VANDRÉ, Geraldo. **Disparada**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/disparada.html>. Acesso em: Fevereiro de 2016